SOBRE UM LIVRO DE CAPISTRANO DE ABREU

Ha cerca de dez annos esteve aqui no Rio o escriptor portuguez Moniz Barreto, que pouco tempo depois, ao voltar ao seu paiz, morreu. A morte foi o unico tropeço da sua gloria, que seria grande. Era um espirito forte, laborioso, honesto, fecundo: sabia muito e aprendia sempre com a serenidade de um benedictino, o gosto de um artista e a sofreguidão de um incipiente. Era sobretudo serio. Não dizia senão o que julgava, e o seu juizo não era leviano, não estava subordinado á occasião nem ao interesse. Quando não podia dizer bem, calava, para não dizer mal; e evitava assim a mentira, ainda na sua forma descupavel de polidez, e a confiança jactanciosa dos irreflectidos, os quaes de tudo pretendem saber e julgar. Eu que já o conhecia de nome e de escriptos, gostei de conhecel-o pessoalmente: pareceu-me chão e discreto e todas as palavras que lhe ouvi parecem-me ainda hoje acertadas.

E não é em vão que o lembro agora, querendo fallar de meu mestre Capistrano de Abreu. Capistrano de Abreu foi aqui apresentado a Moniz Barreto por Domicio da Gama, amigo de ambos e companheiro do ultimo em Pariz nas visitas a Eça de Queiroz. O encontro foi por volta de meio dia: Capistrano e Moniz Barreto entraram num café e conversaram. Separaram-se ás 4 horas da tarde e ao chegar á livraria Garnier, a primeira cousa em que fallou Moniz Barreto foi no

saber de Capistrano de Abreu. Estava sorprendido de tão vasta e tão variada erudição. Ouvira-o durante quatro horas sem fadiga, entretido pela abundancia e pela solidez de seus conhecimentos, expostos naturalmente, com simplicidade, ao acaso da conversa.

Eu estava presente no Garnier, e ouvindo essa impressão, confesso que, apezar de avaliar em muito o saber do meu mestre, de conhecer-lhe a vida intima de incessante estudo, a palavra de Moniz Barreto foi quasi uma revelação, foi pelo menos uma demonstração a que eu por mim mesmo não chegaria, e outros não chegariam ou não chegaram porque o tratamos de perto e diariamente. Para essas revelações não ha como o extrangeiro, que é a posteridade antecipada, porque não vê com preconceitos nem sentimentos pessoaes. No caso de Capistrano de Abreu e em relação a mim é certo que a sympathia e a amizade só podiam influir para a opinião affirmativa e mesmo excessiva. Mas ha um feitio nelle que embaraça os seus mais intimos de medir-lhe o valor da intelligencia e da cultura: é a sua maneira natural de caracter educada pela consciencia de sabio.

Modesto e desinteressado, por mais que estude e por mais que saiba, não esquece a suprema verdade, que o saber é relativo e ainda o mais sabedor é um ignorante. Sendo um professor por officio e gosto, teme parecer que o é no commercio com amigos ou simples conhecidos. Por isso evita o tom de quem falla ensinando. Raro se lhe ha de ouvir uma affirmação, sem que lh'a peçam. Na propria materia em que é autorizado por prova publica e profissional, elle prefere ouvir a dizer, prefere consultar a mostrar que já sabe o que consulta. E não procede assim por simulação insidiosa: é por modestia e ao mesmo tempo por curiosidade. A conversa, em vez de ser uma exhibição, é um estudo ameno em que elle, se não fica conhecendo mais idéas, fica conhecendo, sem intenção embora, o interlocutor. Este se quizer aprender, consulte-o, e ha de aprender o que deseja em quasi tudo. Levada

por esse modo, a palestra delle é uma lição substanciosa e excelliente, expressa com a clareza e fluidez de uma fonte: vem-lhe promptas as idéas, sem embaraço, sem mistura, como da propria nascente. E é a outra qualidade do seu espirito, a assimilação facil do que aprendeu. A sua erudição não foi adquirida para adorno, não lhe ficou depositada no cerebro para as necessidades previstas ou possiveis; procurada, reclamada pela aguda curiosidade da intelligencia, entroulhe na massa do sangue. Chamar-lhe só erudito é limitar a sua cultura larga e profunda e esquecer-lhe a intelligencia de primeira agua, sem a qual a erudição fôra apenas obra de paciencia, e improductiva. A producção original de Capistrano de Abreu seria grande se elle quizesse, ou se não fizesse—admiravel contradição de um espirito clarividente!—tão pouco caso de si mesmo. Quem melhor nascido e provido do que elle para a critica de idéas e costumes? Agudez de observação psycologica, capacidade de representação, sentimento de harmonia, percepção rapida dos contrastes, faculdade de generalização, e o dom—precioso para um romancista—de descobrir quasi de relance as caracteristicas individuaes e fundil-as, fixal-as num traço; tudo isso elle possue da natureza. Não aproveitou em maior extensão essas qualidades para a obra escripta, porque a curiosidade do sabio absorve a iniciativa do escriptor, o qual tambem não achou no nosso meio estimulos fortes para a producção da sua obra.

Ainda assim não é facil dizer nem comprehender o que principalmente determinou a sua abstenção da publicidade frequente. Seria a demasiada exigencia do autor descontente de sua obra? Seria a pura modestia? Seria o gosto da conversa, que é uma fórma de publicidade, limitada embora, mas que satisfaz a alguns grandes espiritos? O que é certo é que Capistrano de Abreu só não tem produzido mais porque não quer; mas o que produzio e é muito, se for, além dos folhetos e prefacios, collegido o que anda ignorado e esquecido nos jornaes, desde ha 30 annos, sem assignatura

quasi sempre, é tudo de valor, nada somenos, e só faz lamentar que elle não publicasse mais e logo na forma definitiva de livro.

Do Ceará, quando veio para o Rio, segundo ouvi, por conselho de meu pai que lá o conheceu e logo se impressionou do seu talento, Capistrano veio já um espirito formado, independente, nutrido de muito saber que só esperava utilização. Qual seria o genero de trabalho, a que o applicasse, supponho que elle proprio não sabia então. Os accidentes e as circumstancias de sua vida é que tinham de fixal-o, como succedeu effectivamente. Mas um facto era já então verificado, a sua vocação de escriptor.

Escrever, expor idéas, notar observações das cousas e dos homens, era uma necessidade para a sua intelligencia em constante elaboração, era impulso a que elle obedecia, sem cogitar do publico e da nomeada. A forma adequada a esse estado de espirito é o diario, e nesse tempo elle o começou a escrever e, como me disse, ahi registrava dia a dia as conversas que tinha com meu pai. Ia visital-o ao cahir da tarde em S. Clemente, fazendo o trajecto a pé, ida e volta, desde Santa Thereza, onde residia. Nunca me foi dado ler esses escriptos, naturalmente reservados pelas notações intimas que comprehendem, mas imagino que precioso documento ha nelles, pela materia tratada e pelo modo da expressão. Podem avaliai-o os que conhecem o autor de perto, os que lhe ouviram alguma vez definir incisivamente factos e pessoas.

Do que elle publicou nesse tempo nada tenho presente. O seu mais remoto trabalho que achei agora foram algumas linhas escriptas sobre meu pai em 1883 na *Revista do Centro Litterario e Scientifico José de Alencar*, em commemoração do anniversario de sua morte. São breves e vou transcrevel-as porque são caracteristicas.

«Ninguem, melhor que elle (Alencar), teve a intuição da vida colonial; e ha paginas do *Guarany* e das *Minas de Prata* que valem por longas monographias.

Foi tambem elle quem primeiro manifestou as tendencias modernas, e, o que ha de bom e natural no estylo dos escriptores tambem actuaes, é de seu exemplo que deriva».

Não sei se me engano, mas neste simples trecho ha uma revelação de escriptor. Ainda que mais nada houvesse delle, com essas duas phrases apenas se poderia verificar um typo litterario, como faria um naturalista concluindo e reconstruindo de um osso uma especie natural desapparecida ou ainda ignorada. Esse breve escripto demonstra um estylo. Tem clareza, sobriedade, concizão e rythmo, que são qualidades fundamentaes da boa prosa; e revela além disso capacidade da melhor critica, porque é uma expressão synthetica das feições do romancista brasileiro. Desdobrado, daria a materia de um livro. Póde-se concluir, sem erro nem exagero que o autor estava apparelhado pelo pensamento e pela forma para o exercicio da litteratura.

O acaso de um emprego decidio a preferencia do genero litterario, em que teria de usal-as; a pratica da paleographia e diplomatica, que são conhecimentos obrigatorios na Bibliotheca Nacional, a consulta e catalogação de manuscriptos, quasi todos brasileiros e a atmosphera brasileira formada naquella casa pelos preparativos e realização da exposição de Historia do Brasil, foram os factores da especialização do estudo e trabalho de Capistrano de Abreu. Annos depois o concurso para a cadeira de Historia do Brasil do Collegio D. Pedro II completou a preferencia com a obrigação do officio.

Antes, porém, já em 1886, era elle um historiador acabado. Com uma consciencia menos exigente, poderia desde então fazer a historia do nosso paiz e a teria feito a melhor, a mais completa de quantas havia. Estava provido das informações originaes, tinha a cultura geral e o sentimento da terra e da gente, e sobre isso uma habilidade de investigação minuciosa, alliada

a um methodo de comparação, deducção e exposição de uma simplicidade transparente. Chronicas e papeis antigos não lhe serviam sómente para objecto de compilação, eram creaturas que elle se comprazia em reviver, conversar, discutir e em seguida apresentar renovadas, sem a poeira do tumulo, com as suas feições recompostas.

Perfeito trabalho de arte critica, com que o estudioso, honesto e paciente preparava a sua obra futura. São desse tempo os prefacios ás *Informações* de Anchieta e á Historia de Fr. Vicente do Salvador. Sente-se ao lel-o a carinhosa attenção que elle punha no estudo desses achados manuscriptos, a seriedade com que os tratava, a aguçada perspicacia que o fazia discernir a authenticidade e o prestimo de cada obra, a faculdade de esmerilhar e destacar nos pequenos factos os valores essenciaes ou accidentaes da operação historica.

E' do prefacio ao trabalho de Anchieta o seguinte trecho:

«A importancia dos *Apontamentos,* a julgar pelos fragmentos aqui reunidos, deve ser grande. Anchieta era um grande observador, sabia reunir pequenos factos caracteristicos, desenhar os retratos com grande nitidez, e dar-nos a sua nota pessoal dos documentos humanos que enfeixava. O que elle escreveu sobre o Padre Manoel da Nobrega é mais instructivo psychologicamente que muitos volumes.

«Das *Informações* ha muito que aprender: a falta de açougues (pags. 34 e 37), a preguiça da terra e a falta do engenho dos estudantes (pag. 37), a pintura dos engenhos (pag. 47), e muitos outros pontos rasgam perspectivas novas.

«Chamarei a attenção rapidamente para dous delles: o primeiro é que os primitivos colonos achavam a terra melancolica, e tinham razão porque bastavam as privações descriptas ás paginas 20 e 21 e que não eram privativas dos Jesuitas: as cobras que cahiam dos telhados sobre as camas ou mettiam-se nas botas (pag.

51), as formigas que obrigavam os moradores todas as noites a andarem de facho a catal-as (pag. 52): os receios dos inimigos externos que, segundo Gabriel Soares, os traziam de constante sobresalto, bastavam para produzir uma irritação constante. Ora, segundo a bella expressão de Taine, as sensações fazem a sensibilidade. *Por ser nesta terra*, diz-nos Anchieta, pag. 38. E' o que todo mundo dizia então e pensava.

«O segundo ponto é que os filhos de Portuguezes nascidos no Brasil eram tratados com desdem: *faltos de engenho,* diz o autor, pag. 37, *affeiçoados aos costumes dos indios,* diz, pag. 70. Cousas semelhantes diz elle nas suas cartas, e repetem os contemporaneos.

«Este ponto,—o desdem pela terra, o desdem pelos naturaes, *mazombos,* como então os chamavam em opposição aos *reinoes*,—é capital em nossa historia, e se quizermos definir em poucas palavras o periodo que começa com o descobrimento de Cabral e remata com a conquista do Maranhão, nem um ha tão caracteristico. Neste periodo que se póde chamar *transoceanico*, de nosso ponto de vista particular ou, segundo a classificação genial de Ratzel, periodo da *distribuição peripherica,* é elle que tudo domina, tudo explica e systematiza».

Completam esse trecho dous paragraphos que se seguem, e em que elle estuda a exploração do interior e das minas. Todo prefacio de Capistrano tem um valor duplice, o da analyse particular e exhaustiva da obra e o da synthese de largos periodos da nossa historia. Reunidos e apenas coordenados, esses trabalhos formam um admiravel resumo da civilização colonial do Brasil.

Delles se póde dizer o contrario do que disse Capistrano de Abreu sobre a obra de Fr. Vicente do Salvador:

«Sobre seu estylo pouco ha a dizer; um ou outro trocadilho innocente (pão e páo, dominio e demonio), suppressão de uma palavra para dar a outra duplo emprego. Quanto ao mais, simples, familiar, tomando a

cor da parte que copia. *Seu livro, no fundo, é uma collecção de documentos, antes reduzidos que redigidos; mais* HISTORIAS *do Brasil, que* HISTORIA *do Brasil; menos uma flor que um ramalhete.* E é uma vantagem: do tom do estylo dependem as cousas que se podem incluir nelle; compare-se um classico e um romantico, e mesmo um romantico e um realista. No de Fr. Vicente cabe tudo: a historia não se lhe antolha de cothurno, mas de chinellos».

Mas com esse preparo e essa aptidão, que já eram consumados em 1886, com o que aprendeu depois, em todo o tempo de magisterio, porque não escrevia elle a *Historia do Brazil?* Era a pergunta reiterada e instante dos amigos. Respondia que não era chegado o tempo, ainda lhe faltava muita cousa. Excesso de honestidade, é que era: escrupulo de consciencia exigente de mais. Havia sempre um ponto obscuro a esclarecer, um documento a consultar, a necessidade de um manuscripto que pertencia a uma bibliotheca da Europa; e entretanto elle ia derramando o saber em monographias, em artigos de jornaes e revistas, e nos intervallos, alongados o mais possivel, continuava o estudo.

A leitura é tão necessaria para elle, tão dominadora como um vicio. Acredito que passaria um dia em jejum ou sem fumar, mas não passaria sem ler. Numa interrupção de somno, alta noite, repousa lendo. Lê no bonde, ás horas da comida, em toda parte, e lê de tudo, poesia, obras de ficção, direito, sciencias physicas e naturaes, philosophia, economia politica, e ainda lhe sobra attenção para acompanhar os jornaes daqui e os principaes do extrangeiro. Devora um artigo de revista da mais enfadonha materia com a brevidade facil com que se lê um conto interessante. A sua curiosidade intellectual é infinita. Assumpto que o interessa leva-o de livro a livro até que outro lhe agarra o espirito. E nunca se sente transviado, porque tem a seu serviço uma memoria colossal, tanto para as grandes como para as minimas cousas. Affeito a ta-

manho goso, esquiva-se quanto póde ao trabalho de produzir, que é sempre penoso para as intelligencias serias e cultas.

Apezar disso, porém, era certo que elle havia de compor finalmente a sua obra definitiva, e independente de resultado pecuniario. Era uma questão de tempo e tambem de condição mental. O seu espirito estava saturado de historia brasileira; precizava descansar para que se renovasse o impulso da producção contente. Antecipou a opportunidade o convite para collaborar na obra «O Brasil, suas riquezas naturaes, suas industrias». Pediram-lhe uma noticia e elle escreveu um livro, a que chamou modestamente *Capitulos de historia colonial* (1500-1800).

Ainda não é a *Historia;* é, porém, mais do que tudo anteriormente feito por elle: é já o alicerce da sua construcção, são as paredes mestras de arcabouço acabado. Pelos fundamentos que alli estão, pelas paredes, sabe-se o que será o edificio e a architectura, na qual «o bello não será senão a honestidade absoluta, a razão», como da architectura de Athenas disse Renan. «As partes occultas do edificio serão tão cuidadas como as que ficarem á vista». Não haverá artificio a disfarçar fraquezas de travejamento. Tudo solido e duradouro como a verdade concreta.

São 11 capitulos: I. Antecedentes indigenas; II. Factores exoticos; III. Os descobridores; IV. Primeiros conflictos; V. Capitanias hereditarias; VI. Capitanias da Coroa; VII. Francezes e Espanhóes; VIII. Guerras flamengas; IX. O sertão; X. Formação dos limites; XI. Tres seculos depois. E' uma visão de conjunto e ampla, de quem já não caminha por atalhos; conhece-os todos, palmo a palmo; percorreu a estrada real, demoradamente, e disse o que vio. Annos que passem, ninguem verá melhor, nem com maior segurança. Não é em vão que um espirito prendado da natureza e enriquecido de saber, se detem por tanto tempo no estudo paciente, pesquizando, accumulando factos, comparando e corrigindo observações, concen-

trado num esforço continuo, sem evitar difficuldades, sem pressa, quasi indifferente á gloria que o solicita.

Não pretendo analysar o livro, particularizando o seu valor, para não parecer presumpçoso. E' um livro de mestre para mestres, e a estes cabe discutil-o. Mas de sua estructura não haverá que tirar, nem mudar. Falta apenas completal-o, e eu tenho a esperança de vel-o completado em breve pelo proprio autor, ao qual já não é licito parar na construcção da sua obra, austero monumento, com que perpetuando a passada civilização do paiz concorre para a demonstração da nossa mais alta cultura no momento actual e das qualidades de espirito que em alguns Brasileiros se podem achar, não differentes nem menores das que mais avultam nos centros intellectuaes do mundo.

Se vale alguma cousa a minha palavra, peço ao meu mestre Capistrano de Abreu que não interrompa mais a conclusão da sua obra, e estas linhas só tiveram esse intuito, além da homenagem que lhe devo da minha admiração e da minha amizade.

MARIO DE ALENCAR.

Jornal do Commercio, Rio, 25—10—1907.